O ESTAFETA

ÓRGÃO DA FUNDAÇÃO CHRISTIANO ROSA

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PIQUETE, FEVEREIRO/2006 - ANO X - Nº 109

EDITORIAL

"O Estafeta" faz aniversário. Ele vem, há quase dez anos, trabalhando para o resgate, preservação e promoção de diferentes manifestações culturais do nosso município. Criado para divulgar e apoiar valores intrínsecos de nosso povo e defender seu patrimônio histórico, arquitetônico e ambiental, O Estafeta acredita que o principal papel de um informativo voltado para a cultura é instigar as pessoas a exercitar a cidadania e a participar ativamente da dinâmica da cidade.

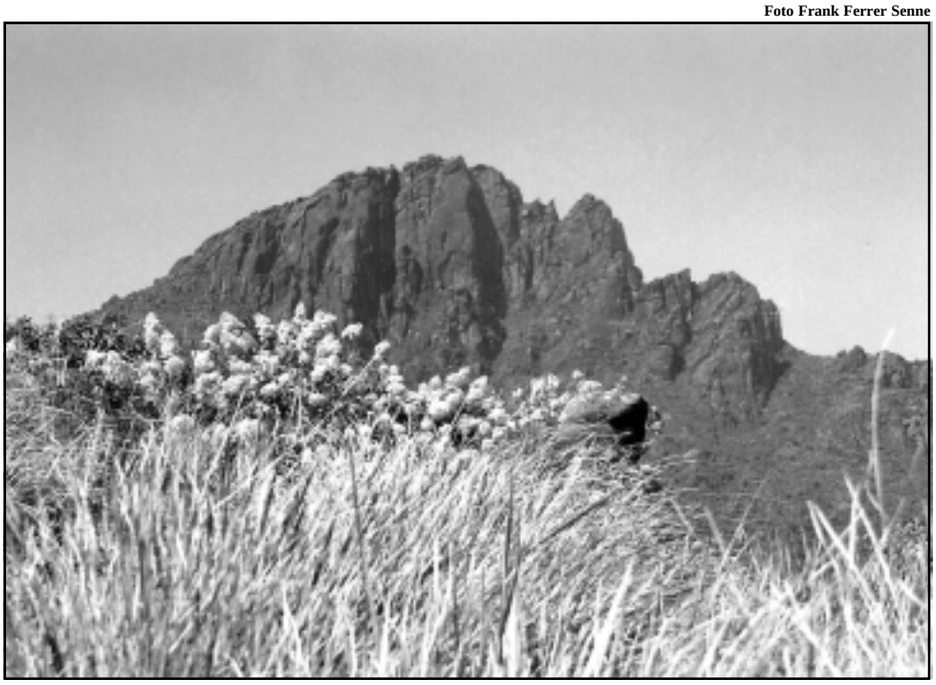
Até há pouco tempo, a cultura era considerada um adereço dispensável nas agendas do setor público e da sociedade. Atualmente, se reconhece que ela tem destacado papel no fortalecimento da coesão social e na geração de renda e de empregos; que ela pode aumentar o capital social e humano das nações, contribuindo para o crescimento pessoal, a aquisição de habilidades e a melhoria da imagem dos países. A valorização da cultura nacional é um elemento fundamental no resgate de nossa identidade.

O Brasil, rico em diversidade cultural, vem buscando preservar as diferentes manifestações desse nosso rico patrimônio. É preciso, no entanto, que, cada vez mais, se abram espaços para a expressão de nossas peculiaridades culturais. Abrindo-se para o diálogo e buscando integrar os diferentes agentes num trabalho de inclusão social, estaremos resgatando nossa identidade.

Ciente da importância das inúmeras manifestações culturais de nosso município, a Fundação Christiano Rosa (FCR) vem, ao longo dos anos, estimulando o exercício da cidadania por meio de ações culturais. Recentemente, elaborou um trabalho sobre a presença do jongo em Piquete, importante manifestação da comunidade negra do município. O trabalho foi enriquecido com depoimentos de antigos moradores e de jongueiros, além de contar com uma vasta iconografia. Esse documento, somado ao de outras localidades, foi direcionado ao Ministério da Cultura, que, após estudos, tombou, no final de 2005, o Jongo da região Sudeste como Patrimônio Cultural do Brasil. O reconhecimento, por parte do Estado, da importância dessa rica forma de expressão, presente em Piquete, vem reafirmar a importância do trabalho desenvolvido pela FCR.

Neste seu nono aniversário "O ESTAFETA" tem muito a comemorar.

Foto Frank Ferrer Senne



A urbanização acelerada, o escasseamento dos recursos naturais, as mudanças climáticas, além da perda da biodiversidade, obrigam-nos a discutir a sustentabilidade da vida no planeta.

SOS - a Terra pede socorro

Duas notícias veiculadas pelos meios de comunicação chamaram-nos a atenção neste mês de fevereiro: uma abordava o derretimento das geleiras, com o aumento do volume dos oceanos e suas conseqüências. A outra, o soterramento de milhares de pessoas numa aldeia nas Filipinas, em decorrência do desmoronamento de uma montanha após copiosas chuvas. Notícias como essas são cada vez mais freqüentes e cobram da sociedade uma postura firme em relação às questões ambientais.

Com o aquecimento global, a saúde do planeta está sendo ameaçada. Recentes pesquisas publicadas por cientistas apontam que a temperatura média da Terra vem subindo rapidamente. Dados revelam que 2005 foi o ano mais quente desde que a temperatura começou a ser medida, no final do século 19. A medição, feita por satélites e estações meteorológicas instaladas na terra e no mar, mostrou, também, que os termômetros apresentaram as maiores elevações nos pólos e nas regiões mais altas do hemisfério norte, como o Alasca, a Sibéria e a Groenlândia. Até agora, o ano mais quente na Terra havia sido 1998, quando a ocorrência do El Nino, a corrente de águas quentes do Pacífico que atinge periodicamente as costas da América do Sul, deixou um rastro de anomalias climáticas no mundo inteiro.

Segundo cálculos da NASA, as temperaturas mais altas da história foram todas registradas nos últimos oito anos. Os dados confirmam o que outros estudos já haviam concluído: em conseqüência da emissão de gases tóxicos produzidos pela atividade humana, que permanecem na atmosfera e provocam o chamado "efeito estufa", a temperatura da Terra subiu um grau no último século – mais da metade disso nos últimos trinta anos. Parece pouco, mas é o suficiente para desequilibrar a complexa relação de forças que regem a natureza.

Nos últimos anos, o crescimento dos desastres naturais está relacionado com as mudanças climáticas. O grande desafio a ser enfrentado para atacar essas causas é a redução da quantidade de gás carbônico (CO_2) e de outros gases que vêm sendo liberados na atmosfera. Mesmo assim, ainda sofreríamos por um bom tempo as conseqüências do que foi acumulado. Também podem contribuir para enfrentar o problema as iniciativas que consigam retirar da atmosfera parte do carbono acumulado: o chamado seqüestro de carbono. As plantas, para crescer, seqüestram carbono, incorporando-o à sua massa vegetal. Assim, o reflorestamento de áreas extensas poderia retirar quantidade significativa de carbono da atmosfera.

Imagem - Memória

Foto arquivo Pro-Memória

No Clube dos Ex-alunos, no Carnaval de 1948, o Grupo Boa Vontade, em que podem ser vistos os músicos Carlos Vieira, ?, Durval Silva, Benedito Prado, João Divino, Benedito Dentista, Vitor J. Silva, ?, José Faustino e João Ferrão. O menino é Zézinho, filho de Carlos Vieira.

No carnaval, as boas e velhas marchinhas...

Todos os anos, os brasileiros se preparam para o Carnaval, a mais esperada festa popular do país, que acontece, normalmente, no mês de fevereiro.

Considerado o maior espetáculo da Terra, o Carnaval sofreu modificações ao longo do tempo e chegou aos nossos dias como sinônimo de alegria, descontração, irreverência e grande licenciosidade.

Em Piquete, antigos foliões se recordam dos bons e velhos bailes de Carnaval que aconteceram na cidade, entre as décadas de 40 e 60. Naquela época, o ritmo predominante era o das marchinhas, tocadas em salões decorados com criatividade e bom gosto. Havia bailes no Grêmio General Carneiro e no Elefante Branco, na Praça Duque de Caxias, na sede da Associação Comercial e no Clube dos Ex-Alunos, na Praça da Bandeira, e também no famoso Cassino dos Oficiais, na Vila da Estrela. Todos ficavam lotados...

O Carnaval piquetense era famoso. Atraía foliões de lugares distantes, que aqui vinham se divertir. A animação dos bailes era garantida pela excelência dos músicos, provenientes, a maioria, das bandas da FPV ou da Euterpe Piquetense. Em janeiro, os clubes os contratavam. Os músicos dividiam-se em pequenos grupos e passavam a ensaiar antigas e novas composições. Chegado o Carnaval, cabia a esses músicos o sucesso ou não dos bailes. Tocavam em todas as noites do reinado de Momo e em duas "matinês".

Nos salões predominavam as marchinhas – criação brasileira em que alegria, ritmo, humor e irreverência eram os principais ingredientes. As músicas eram curtas e objetivas. Com poucos versos e melodias simples e diretas, fáceis de aprender e feitas não para se ouvir, mas para cantar e dançar nas ruas e nos salões. Com a popularização do rádio, no final dos anos 30, e, principalmente, no pós-guerra, houve crescimento do número desses aparelhos nas residências. Isso impulsionou a divulgação das marchinhas pelos programas radiofônicos, que passou a acontecer meses antes do Carnaval. Os ouvintes logo aprendiam a letra, memorizavam a melodia e passavam a cantar e assoviar a nova música que, consagrada pelo povo, estourava no Carnaval.

Ao longo de décadas, as marchinhas foram um vibrante veículo democrático de expressão popular, criticando, debochando e castigando os moralistas e poderosos com o riso das multidões. Muitos compositores tornaram-se gênios populares como Lamartine Babo, Ari Barroso, Assis Valente, Noel Rosa, Braguinha e outros, que criaram obras-primas da irreverência, do duplo sentido e da malícia, driblando censores e professores e produzindo um repertório extraordinário, hoje clássico, que comentava com humor novidades do momento e criticava personagens e acontecimentos da nossa história. Mas o tempo e a moda atropelaram a marchinha – o samba enredo e os ritmos baianos dominam o Carnaval. No entanto, ainda hoje, em qualquer baile de Carnaval, basta tocar uma das antigas marchinhas e os foliões, em ritmo frenético, cantam trechos de muitas delas. Quem não conhece "Linda Morena" (1932), de Lamartine Babo, ou "Linda Lorinha", (1933), de Braguinha; "Cidade Maravilhosa" (1934), de André Filho; "Mamãe, eu Quero" (1936), de Jararaca; "Balancê" (1936), de Braguinha; "A Jardineira" (1938), de Benedito Lacerda; "Cabeleira do Zezé" (1963), de João Roberto Kelly; "Bandeira Branca" (1969), de Max Nunes...

Todas essas marchinhas ganhavam sabor especial quando executadas pelos músicos Luiz de Barros, Viana, Joaquim Augusto, Henrique Maziero, Zé Maria, Moreno, Bambu, Sílvia Mota, Valentim, Marcelo, Haroldo, Rapinha, Sebastião Sapateiro, Cinqüenta, Vovô, entre outros...

****

O ESTAFETA

Fundado em fevereiro / 1997

Diretor Geral:
Antônio Carlos Monteiro Chaves
Jornalista Responsável:
Rosi Masiero - Mtd-20.925-86
Revisor:
Francisco Máximo Ferreira Netto
Redação:
Rua Coronel Pederneiras, 204
Tels.: (12) 3156-1192 / 3156-1207
Correspondência:
Caixa Postal nº 10 - Piquete SP
Editoração: Marcos R. Rodrigues Ramos
Laurentino Gonçalves Dias Jr.

Tiragem: 1000 exemplares
A Redação não se responsabiliza pelos artigos assinados.

GENTE DA CIDADE

Ditinha do Walter

Bom humor e otimismo são a marca registrada desta mineira de Itajubá, nascida a 13 de julho de 1938. Mudou aos quatro anos de idade para Piquete. Aqui, Benedita da Costa Santos, filha de Sílvia e Benedito Santos Rocha cresceu e reside na Vila Barão até hoje, que na sua infância tinha ruas poeirentas, poucas casas e uma capelinha dedicada a São Benedito, "cuja festa era concorrida, atraindo inúmeros devotos". O sossego do bairro, vez ou outra, era quebrado pelo tropel de mulas tropeiras, pelo sussurro de romeiros ou por boiadas que desciam de Minas e que, muitas vezes, se rebelavam, invadindo casas: "Eu morria de medo e me escondia rapidinho..."

Do Grupo Escolar da FPV, onde estudou, guarda na memória a imagem do diretor Professor Melquíades, da professora Maria da Piedade e da colega Abygail Lea, "exemplo de correção, amizade e dedicação aos estudos". Religiosa, quando menina foi da Cruzada Eucarística, coordenada por Vera Meirelles, na igreja de São José, que freqüentava semanalmente; mais tarde, foi Filha de Maria, na antiga Matriz de São Miguel, sob a coordenação de Dona Mariquinha de Castro Ferreira.

"Sempre gostei de dançar...". Moça formada, passou a freqüentar os bailes da cidade: dançava no Clube dos Ex-alunos, na Praça da Bandeira, e, mais tarde, no Elefante Branco. O gosto pelo Carnaval fez com que deixasse a Pia União das Filhas de Maria "antes que fosse expulsa...". A Igreja perdeu uma Filha de Maria e a cidade ganhou uma grande foliona!

Ditinha e o marido, Walter da Costa, são exemplos de animação durante os Carnavais de Piquete

O Carnaval é a grande paixão de Ditinha. Sempre gostou do Carnaval de rua. Recorda-se de que, nos anos de 60 e 70, patrocinados pela Fábrica, Piquete teve os melhores carnavais do Vale do Paraíba, que atraíam pessoas de vários lugares. Participou de diversos blocos e escolas de samba: "Bloco da "Folia", "Alegria dos Jovens", "Periquitos Cobiçados", "Príncipe Negro" e, mais recentemente, do "Império do Brás" e "Unidos da Vila São José". "...Na maioria das vezes desfilava em mais de uma escola ou bloco!". Apesar de gostar de desfilar como cabrocha, "quando pode se requebrar e mostrar suas habilidades de passista", ultimamente tem sido porta-estandarte da "Unidos da Vila São José", o marido como mestre-sala.

Casada com Walter da Costa Santos, que conheceu num período em que residiu no Rio de Janeiro, quando foi cuidar de um parente, tiveram quatro filhos e seis netos. Estão "dançando juntos" há quase 50 anos... Nos anos 70, mantiveram, na Praça da Bandeira, uma tabacaria, a "Red Star", razão de muitos a conhecerem como "Ditinha da Red Star".

Apaixonada por Piquete, Ditinha afirma que "...não gosta de ficar fora da cidade por muito tempo!" Carnavalesca fervorosa, diz que, apesar da formação religiosa, quando chegam novembro e dezembro, "...o sangue ferve e começo a me preparar para o Carnaval! É irresistível". Acha que não vai se aposentar nunca: "Se ficar acamada, acompanho a folia pela TV!".

Ao som do hino da escola da qual será porta-estandarte, em 2006, faz sua profissão de fé: "Sou e serei carnavalesca até morrer!"

Solução

Abigayl Lea da Silva

É o ato de solver, de reduzir a fragmentos de realidade para entender melhor; e, depois, resolver, tirar das entranhas de tudo o melhor caminho?

É diluir para facilitar ou buscar novas realidades?

Ou a corrente que os axônios conduzem de neurônio a neurônio e alcança, em um nicho da memória, a versão masculina: um solução, isto é, um soluço grande?

Os brasileiros seguimos discutindo sem grandes preocupações a paternidade (ou maternidade) responsável.

A China bateu na encruzilhada: cada casal tem direito a um cartão de alimentação para um filho. O segundo filho não existe para o governo e, mais tarde, será obrigado a emigrar.

Ingerência indébita do governo?

A China e a Índia, juntas, já ultrapassaram a terça parte da população do planeta.

Como seria um mundo dirigido por chineses e indianos? Quem estaria disposto a dividir com eles o território do próprio país?

A inteligência do ser humano é capaz de enviar uma sonda para além do sistema solar e captar sinais de grande valor para a ciência.

Acho pedante o vocábulo perplexidade. Mas, quando ouço um cientista dizer que o nordeste brasileiro tem setenta mil barragens, com água suficiente para toda a população nordestina, a única pergunta que me ocorre é: quem vai pendurar o pescoço no guizo do gato?

Chegamos ao século XXI com problemas que desafiam o poder da mente humana:

– como aglomerar a população dispersa do semi-árido brasileiro?

– como distribuir a água armazenada?

– como evitar e erradicar favelas?

– como criar um novo caminho para que o esgoto, doméstico ou industrial, não desemboque nos cursos d' água? (Nas propriedades rurais a EMBRAPA já conseguiu.)

– como distribuir o alimento que se perde nas lavouras, nas estradas e nas centrais de alimento?

Enquanto a solução não vem, recorro à cumplicidade de um indisfarçado solução.

No Dia de Reis

A Folia e a Companhia dos Reis (Balthazar, Melchior e Gaspar)

"Dá licença, boa gente,
que os meus Reis já vêm chegano.
Vêm da parte do Oriente,
Boa noite vêm lhes dano."

(Verso cantado por Folias de Reis do Vale do Paraíba)

A comemoração do dia dos Reis constitui-se antiga tradição cultural vale-paraibana. Por sua vez, o dia de Reis é o mais popularmente comemorado na Europa. É o dia da troca de presentes. Não no Natal, momento mais íntimo da comemoração familiar e das cerimônias religiosas. No dia de Reis, as cidades da península ibérica de Portugal e Espanha promovem desfiles alegóricos e, em Barcelona, vi até camelos nas ruas para transportar os Reis e seu séquito. Mas também na Europa Central, na Suíça, por exemplo, encontros musicais se fazem nas noites do inverno rigoroso, quando pães e bolos são gratuitamente oferecidos, contendo pequenos presentes nos miolos.

Ao partir os pães, saltam bonequinhos representando os reis e outras miniaturas. Mas, querendo, pode-se oferecer, por encomenda, prendas mais valiosas. Até jóias! As lojas ficam carregadas de vitrines sugestivas. Exposições com vendas de antigüidades e objetos de arte são promovidas. Objetos de fino lavor artesanal e artístico são exibidos nas ruelas estreitas das pequenas cidades, nos quarteirões do centro histórico. Enquanto as vitrines resplandecem de beleza, a neve as emoldura, dando-lhes uma aparência ainda mais romântica. Doces típicos são encontrados nas confeitarias e as pessoas vão saboreá-los em alegres reuniões.

Nas tradições ibéricas trazidas ao Brasil, os Reisados ou as Folias de Reis são espetáculos tradicionais, já bem esquecidos entre os folguedos que apenas remanescem nos bairros rurais.

Em Piquete, a Folia de Reis sempre esteve associada à presença de uma Companhia, representada por uma Bandeira, que se apresentava às casas de família, onde o presépio estava montado. Sempre à noite, varando a madrugada.

Ninguém poderia negar a entrada da Companhia dos Reis e da Bandeira apresentada por seu alferes. Cantavam-se modinhas acompanhadas de rabecões, violas, pandeiros, caixas, vozes repetidoras dos estribilhos fáceis e coreografias dançadas prolongadamente.

Com roupas coloridas, máscaras nas faces, muitas fitas coloridas e flores singelas feitas de papel, os grupos dos cantadores e dançarinos varavam as noites nas visitas aos presépios. Nas cortesias domésticas, serviam-se quitutes e alguma bebida: café, licor e "aquela". Na tradição apresentavam-se às vésperas do Natal e estendiam-se até 2 de fevereiro, festa de N. Sra. das Candeias.

Citando o cronista Nuno Marques Pereira (1652-1733), Luís da Câmara Cascudo registra o pedido dos Reis aos moradores das vilas, na forma de dinheiro, doces, frutas, enquanto rolava a cantoria de quadras como:

"Guerra travada se ruge
Entre Florêncio e Floresta.
Acudi cá, minha Dama,
Que ferve a bulha na festa."

Referências que evocam gestos medievais e cantorias usadas nos castelos. A invocação é a da corte. Tudo isso se misturava no imaginário e era levado às terras de conquista e imigração. Aqui, por exemplo, a influência portuguesa modulou-se em outras cantigas, e a folia, juntando outros folguedos, ganhou corpo, e hoje são procuradas formas de mantê-la como manifestações do patrimônio histórico imaterial.

A festa dos Reis ou da chegada possui características folclóricas do ciclo natalino e mistura o profano ao religioso, como manifestação dada por peregrinações evocativas da que fizeram os Reis Magos orientados por uma estrela, à busca do local de nascimento do Menino Jesus.

Na região do Vale do Paraíba, região de antiga colonização portuguesa, a Folia de Reis se realiza de diferentes maneiras, com cantigas próprias e instrumentos musicais variados, todos em função principal da louvação e da história do Menino Deus recebendo a visita dos Santos Reis Magos.

Passada por *"herança"* entre os participantes, ela tem marcado o imaginário por figuras que se tornaram referências importantes na rememoração popular, sempre jocosas, também com danças acrobáticas dos palhaços, como a chamada *"corta-jaca"*.

O nome Folia é, muitas vezes, substituído por Companhia para evitar o possível sentido pejorativo do temo inicial. Em Piquete é possível notar a influência dos Reisados mineiros e paulistas, e , no caso, por exemplo, dos mineiros, a introdução da sanfona ou acordeão. O uso dos instrumentos sempre dependerá de haver alguém que os toque.

A bandeira, parte mais emblemática, é sempre confeccionada em tecido brilhante, acetinado. Nela estão pintadas a cena do presépio, a estampa de Jerusalém, o sol de Belém, São José, Nossa Senhora, o Menino e os Reis. É acompanhada de flores de papel ou plástico e muitas fitas coloridas para serem beijadas pelos fiéis. A Bandeira é símbolo de completo respeito e veneração. Ser bandeireiro é uma honra e um privilégio. Há, também, os festeiros. *"Seu"* Zé no Bambuzinho, Santo António, Tabuleta e adjacências, é conhecido como o organizador da folia dos Reis em Piquete, que tem se repetido ano a ano. Hoje, misturada às congadas, jongo, forrós e tudo o mais que agrade ao povo mais simples, pronto a participar a céu aberto, com uma boa rodada de bebidas, porque para brincar é preciso soltar as engrenagens, pois ninguém é de ferro. Neste ano de 2006, a festa esteve animada durante vários dias e, no final, com jongo, congada, forró e comidas, por exemplo, o almoço do dia da festa.

Conversando com antigos moradores da cidade como Ana da Silva Amaral, em trânsito de férias, esta lembrava sua amiga Dita, do jongo, dos cateretês, da cana verde, e dos antigos Reisados, quando a Folia percorria as fazendas e propriedades rurais arrecadando bois, porcos e apetitosos componentes para serem saboreados em festa por todo mundo. Tempos dos velhos promotores e organizadores das folias. Foram lembrados vários nomes como os do João Tijoleiro e familiares, dos jongueiros Jacó e Conceiçãozinha, principalmente para as festas de São Benedito.

E foi um desfilar de memórias ao som do forró animado pelo conjunto musical do Piraí a fazer o pessoal dançar e cantar. A festa mergulhou noite a dentro, com a promessa de continuar no dia seguinte e nos anos seguintes. Assim, no sábado 7 de janeiro de 2006, prometia-se o domingo festivo, com espocar de fogos, visitas dos Reis às casas, almoço, terço, bolos e mais forró. Encerrava uma semana de animações ligadas ao 6 de janeiro, dia dos Reis, não feriado para nós.

Como festa popular, a dos Reis é sempre mais bem recebida nos meios rurais e onde as pessoas marcam por eventos como esse, um calendário diferenciado da dinâmica avassaladora das cidades modernas. Identificar-se com eventos como o dos Reis exige sintonizar um tempo que se modela por compassos mais enraizados na memória que, entretanto, se esgarça por falta de cultivo. Desdobrar esse tempo requer ânimo, como o do "seu" Zé e o povo simples que o referencia, lá pelos lados da cidade, já encostando na Mantiqueira os seus limites e o seu povoamento.

Dóli de Castro Ferreira

Ó Abre Alas

(Chiquinha Gonzaga, 1899)

Ó abre alas, que eu quero passar
Ó abre alas, que eu quero passar
Eu sou da lira, não posso negar
Eu sou da lira, não posso negar

Ó abre alas, que eu quero passar
Ó abre alas, que eu quero passar
Rosa de ouro é que vai ganhar
Rosa de ouro é que vai ganhar

Aurora

(Mário Lago / Roberto Roberti, 1940)

Se você fosse sincera,
Ô ô ô ô Aurora.
Veja só que bom que era,
Ô ô ô ô Aurora.

Um lindo apartamento
Com porteiro e elevador
E ar refrigerado
Para os dias de calor
Madame antes do nome
Você teria agora
Ô ô ô ô Aurora

Chiquita Bacana

(Braguinha - Alberto Ribeiro, 1949)

Chiquita bacana lá da Martinica
Se veste com uma casca de banana nanica

Não usa vestido, oi! não usa calção,
Inverno pra ela é pleno verão
Existencialista com toda razão
Só faz o que manda o seu coração, ôi!

Bandeira Branca

(Max Nunes-Laércio Alves, 1969)

Bandeira branca, amor,
Não posso mais.
Pela saudade que me invade
Eu peço paz

Saudade, mal de amor, de amor
Saudade, dor que dói demais
Vem, meu amor
Bandeira branca eu peço paz.

Marcha do Remador

(Antônio Almeida, 1969)

Se a canoa não virar olê olê olá,
Eu chego lá

Rema, rema, rema, remador
Quero ver depressa o meu amor
Se eu chegar depois do sol raiar,
Ela bota outro em meu lugar

Pequena cronologia do Carnaval...

São três dias de folia e brincadeira, e é também uma palavra que o mundo associa ao Brasil: Caranaval. Com raízes fincadas na religiosidade da Idade Média, a festa chegou por aqui com o nome de entrudo, graças aos portugueses. Mas, se o Carnaval não é invenção dos brasileiros, certamente o adotamos com gosto, a ponto de se transformar na maior festa popular do país, atraindo curisos de diferentes partes do mundo.

1723
Entrudo é trazido para o Brasil por imigrantes portugueses das ilhas da Madeira e Açores.

1767
Construído o primeiro teatro do Rio de Janeiro, a Casa de Ópera, na Rua do Jogo, atual Rua dos Andradas.

1840
Primeiro baile carnavalesco aberto ao público, no Hotel Itália, no Rio de Janeiro.

1848-1852
O português José Paredes sai às ruas tocando um bumbo e inventa o personagem *Zé Pereira*.

1855
Fundado o Congresso das *Sumidades Carnavalescas*, de onde surge a primeira sociedade carnavalesca, os *Zuavos Carnavalescos*, futuros *Tenentes do Diabo*, no Rio de Janeiro.

1862
Henrique Fleiuss estampa, em sua *Semana Illustrada*, um desenho do rei Momo.

1878
Surge a *Sociedade Carnavalesca Boêmia*, que introduziu no Carnaval carioca a fantasia *chicard*, ou seja, qualidade do que é *chic*.

1888
A princesa Isabel, acompanhada do marido e dos filhos, promove, no Carnaval de Petrópolis, uma batalha de flores, assumindo publicamente posição contrária à escravidão. Percorre a cidade promovendo a arrecadação de donativo para libertação de cativos.

1889
Surge a *Sociedade Carnavalesca Triunfo das Concubinas*, primeiro cordão organizado do Rio de Janeiro.

1892
O Carnaval é transferido para junho por ordem do governo, por ser um mês considerado "mais saudável". Nesse ano, o Carnaval foi comemorado duas vezes.

1897
Introduzidos no Carnaval brasileiro as serpentinas e os confetes, trazidos da Europa.

1899
Chiquinha Gonzaga compõe "*Ó Abre Alas*", considerada a primeira música de Carnaval.

1906
Chega ao Brasil o lança-perfume.

1907
30mil pessoas no primeiro corso promovido na Avenida Central, no Rio de Janeiro.

1908
São lançados os primeiros filmes sobre Carnaval.

1912
O Carnaval é transferido para junho por causa do falecimento do barão do Rio Branco. Novamente, dois carnavais no mesmo ano.

1917
"*Pelo Telefone*", de Mauro de Almeida, é o primeiro samba gravado.

1925
Primeiro concurso de sambas e marchinhas, no Teatro São Pedro, no Rio de Janeiro.

1929
Realizado, no bairro do Engenho de Dentro, no Rio de Janeiro, o primeiro concurso informal de Escolas de Samba.

1932
Getúlio Vargas comparece ao primeiro baile de Carnaval do Teatro Municipal, no Rio de Janeiro.

1935
Primeiro concurso oficial de escolas de samba.

1937
Proibido, pelo governo, o uso de lança-perfume.

1950
Dodô e Osmar inventam, na Bahia, o duo-elétrico, que seria, no Carnaval seguinte, o Trio Elétrico.

1962
2 de dezembro - Instituído o dia Dia Nacional do Samba.

Crônicas Pitorescas

Rataria

José Palmyro Masiero

Todo bom brasileiro preocupa-se com os problemas que afetam o pais. Toma conhecimento da quantidade e gravidade deles e, dentro da capacidade de cada um, vai discutindo uma saída. Isso normalmente acontece em roda de amigos, à volta de uma mesa de cervejas. As soluções surgem espontâneas, mas como são sapos de fora dos que estão lá dentro, o coaxar não passa daqueles momentos que chamam lazer.

Domingo desses, o tema que um grupo comentava era sobre a desenfreada proliferação de ratos que está colocando a população periférica das grandes cidades em perigo. Tá na cara que os ratos sobre os quais se falava são aqueles pequenos mamíferos da ordem dos roedores. Perguntarão:

"E os outros?" Não estavam em discussão, respondo.

Voltemos ao assunto. Explanavam acerca da dificuldade tremenda no combate aos danadinhos, a fortuna gasta em venenos e raticidas, medidas, de modo geral, paliativas, sem maiores conseqüências para a rataiada existente. Um do grupo, gozador por excelência, levou um papo que ninguém contestou, porque ninguém sabia nada sobre o assunto:

– Saibam, disse ele, que uma ratinha das sem-vergonha tem, em média, cento e cinqüenta peladinhos por ano. Dez ratinhas viradoras de bolsinhas terão mil e quinhentos. Cem ratas-piranhas, quinze mil... As pilantras não tomam pílulas! Difícil é a gente encontrar um dado estatístico no IBGE ratista para saber quantos ratinhos são registrados ao ano!

Outro membro, o que sempre encontrava facilmente as soluções pra tudo, achou por bem dar sua equação linear ao problema:

– Mas a mais fácil solução eles não pensaram. Qual é o maior inimigo do rato?

Ele mesmo respondeu: – O gato! Quantos gatinhos tem uma bichana por ano? Ficou sem resposta. – Em média, continuou, uma dúzia. Dez, cento e vinte; cem, mil e duzentos...

– Há uma grande desproporção entre a fecundação de um e outro, disse alguém.

– Vamos com calma. Um gato come cinco ou seis ratos ao dia, sem contar a matança por instinto.

Prosseguiu. Basta fazer criações de gatos nos setores onde mais proliferam os roedores. Com a gataiada já adulta, os ratinhos terão que dar no pé e baixar noutro centro se quiserem perpetuar a espécie. E a parte econômica? Não se precisaria alimentar essa criação, que vai se nutrir daquilo que se quer acabar, não se gastaria com venenos e raticidas e nem com pessoal para esse trabalho. Chegar-se-ia, assim, ao ponto máximo do extermínio.

O gozador voltou a atacar:

– Ótimo! Terminada a praga de ratos vai surgir a praga de gatos! E quem vair dormir com um barulho desse?

– Não se esqueça de que estamos na terra do tamborim, defendeu-se o solvedor. Gato em época de Carnaval tem que pular, meu. Basta tirar o couro dos miadores e vender baratinho às escolas de samba. E se se fizesse uma boa propaganda, uma boa divulgação desse instrumento de percussão no exterior, poderíamos exportar couro de gato. Divisas entrando na solução do ciclo da matança de ratos. O dinheiro arrecadado seria distribuído entre os periféricos.

– Se tudo der certinho, tiau mesmo pra essa espécie... – ouvia-se.

– Pô, cara, a gente começa uma criação de ratos paralela a uma de gatos. Gata bem alimentada deve fazer serenata dobrada. Os ratos comerão as carcaças dos gatos descourados. Os gatos comerão os ratos e assim nasce um moto-continuo sem despesa, gerando divisas.

Foi quando o mais cético, que até o momento permanecera calado, achou demais e encerrou o papo:

– Pior que um imbecil é um imbecil com iniciativa! E levantou-se.

****

Desejo cumprido

Clodoaldo Pereira dos Anjos, vulgo Anjinho,viveu oitenta anos. Alguns meses antes de bater a caçoleta, chamou seus fihos, que eram em número de oito, todos homens, para expor-lhes seu desejo.

O desejo de seu Anjinho era, quando passasse desta vida pra uma melhor, os filhos, ao enterrá-lo, cada um deles colocaria dentro do caixão cinquenta reais. Não sabia o porquê, porém essa prática vinha sendo usada pelos seus ancestrais.

Não tardou, numa tarde de inverno, ele partiu pra cidade dos pés juntos.

O velório transcorreu naquela base: coroa de flores, cheiro de velas queimadas, reza do terço, choramingos, compadres e comadres remoendo as peripécias do falecido, risadinhas e chá de erva cidreira com bolachas de sal pra atravessar a madrugada.

Quando deu a hora fatídica, os papa-defuntos chegaram e levaram seu Anjinho.

No cemitério, abriram a tampa do caixão para os familiares se despedirem pela vez derradeira. Os filhos, lastimosos, davam adeus ao pai, quando de repente, o caçula chamou a atenção de todos:

– Meus irmãos, temos que satisfazer o último desejo do nosso pai. Meteu a mão no bolso, tirou a carteira de dinheiro, desfolhou algumas notas, tirou uma de cinquenta reais e a colocou dentro do caixão.

Olhares se perderam. Outro filho coçou o bolso, juntou algumas notas e as colocou no caixão. O coveiro, de olhar estagnado, falou:

– Apresse, pessoal, temos outro conterrâneo pra ser enterrado!

Quando chegou a vez do último filho pagar a promessa, este tirou do bolso o talão de cheques, preencheu uma folha no valor de quatrocentos reais, datou, assinou, nominou e cruzou, colocou no caixão e pegou os trezentos e cinquenta reais de troco, e falou:

– Meu pai, que a terra lhe seja leve, vá com Deus, seu desejo está cumprido.

Edival da Silva Castro

Bolinhos de Sonhos

– Óia o bolinho!
Assim gritava a velha senhora,
como quem anunciava
uma novidade gostosa
cada dia.
Como quem vendia sonhos.
Assim vendia a velha senhora
os bolinhos de fubá.
Nem sempre se pagava com dinheiro,
Bastava um beijo, um olhar
ou um sorriso.
A velha senhora
era desprendida das coisas daqui.
Vender os bolinhos era
um pretexto para andar
pelas ruas, ouvir elogios
e ganhar abraços.
O que ela queria mesmo
era viver sua história e
ficar para sempre na nossa memória.
Havia mais poesia naquela senhora
e em seus bolinhos
que em toda a serra com seu azul.
Do seu pequeno fogão a lenha,
que parecia de brinquedo,
saía a arte de um artista.
De sua pequena cesta
de bambu trançado
saía, além dos bolinhos,
receitas de xaropes,
conselhos e muitas bênçãos.
Ah...! Que falta faz aquela senhora!
Que sempre inspirava uma canção,
Que curava a dor no peito,
Que alegrava o coração.
Quem a conheceu agora sabe:
a poesia viveu entre nós.
E se lhe perguntavam
se ela só tinha bolinhos,
respondia: *– Eu tenho sonhos também.*

Hélder Câmara Rodrigues

Uma homenagem à dona Alzirinha do Bolinho

Ainda sobre os reis – a visita dos magos

"Vindos do Oriente, chegaram a Jerusalém à procura do recém-nascido, rei dos judeus." No evangelho de Mateus, a citação: *"Pois vimos sua estrela no Oriente e vimos prestar-lhe homenagens."* Mt. 2:1-12

Esquivaram-se de Herodes orientados pela estrela que se escondera, para só reaparecer fora das vistas do invejoso e cruel que sacrificou inocentes na busca ao Menino Sagrado.

Mas o Menino foi salvo e cumpriu sua missão.

Chegados ao local do nascimento, encontraram Maria e seu Filho, ao qual ofereceram, abrindo seus cofres, ouro, incenso e mirra. Ouro, para simbolizar a realeza; incenso, para simbolizar a divindade; e mirra, para simbolizar a humanidade. A mirra é usada como óleo na unção dos mortos. Nascido Homem, Jesus estava sujeito à morte.

Uma questão que muita gente tenta decifrar é a que se refere aos nomes atribuídos os três Reis Magos que, segundo o Evangelho de São Mateus para a Epifania, ou seja, a grande Revelação, foram, orientados por uma estrela, à busca do local do nascimento do Menino Jesus.

São atribuições difíceis de comprovar, mas nas quais se crê por questão de fé.

Quanto aos nomes Melchior, Gaspar e Balthazar, ficam as dúvidas sobre a identificação desses personagens.

Anualmente, nosso vigário, padre Severino Cícero Ferreira, argumenta a dificuldade em se saber a quem pertencem os nomes citados. Entretanto, no comentário sobre as atribuições normais, as vi em um belíssimo presépio de figuras gigantescas, no átrio de entrada do Conjunto Nacional, na Avenida Paulista, em São Paulo (capital). Ali, as mesmas estão dadas em referência explicativa fornecida por artistas plásticos a partir de uma representação tradicional de linha barroca. Trata-se de uma releitura do Presépio Napolitano que se encontra, atualmente, no Museu de Arte Sacra, no antigo Mosteiro da Luz e foi comprado em Nápoles, na Itália, por Ciccilo Matarazzo. Constitui obra rara de lavor artístico. Imitada para referir reaproveitamento e inclusão.

Na cópia a que me referi estão a Sagrada Família e os Reis Magos, tudo feito com massa e sucata. Tudo é feito daquilo que se descarta: garrafas plásticas, tampas de todo tipo, canetas esgotadas, talheres de plástico, produtos jogados nos depósitos para reciclagem e, ainda, CDs e disquetes em desuso, caixas, latas e tudo o mais. Se se olhar bem, vê-se de tudo o que é descartado. E além disso, alguns tecidos nobres: cetins e veludos. Mas o resultado é belíssimo. Deslumbrante! Somente uma foto não revela os detalhes. É necessário olhar de perto. A montagem foi elaborada pelo cenógrafo Sílvio Galvão e seus auxiliares.

Pois bem. Como sabemos, dois dos Reis são brancos e um só é negro. Identificados pela descrição dos materiais de que foram compostos, lá está na peça descritiva que Balthazar é o negro, que Melchior é o vermelho, com as barbas e cabelos ruivos e Gaspar é o amarelo, com as barbas e os cabelos brancos. Se é atribuição como se apresenta, pode passar a referenciar ali a crença ou suscitar a dúvida. Provoca, como toda obra de arte, uma reflexão, por mais simples que seja. Pois é esse o seu propósito: emocionar, seduzir, encantar e provocar, garantindo sua posição como referência de data, evento e manifestação artística. Mas também é propósito dar continuidade a uma obra maior: possibilitar a participação dos excluídos no Natal nacional.

Por isso, os artistas e os organizadores mantêm ao lado um livro de registro das opiniões. Estas são muitas. Sua leitura é saborosa. Cada registro, reflexo da alma e da vibração de um povo metropolitano, de tantas origens, contextos culturais e credos, passantes que são do espaço e do tempo em que vivem. Afinal, neste Natal de 2005, os Reis tiveram homenagem mais acentuada. Por exemplo, no presépio da Matriz, a manjedoura com o Menino, sua Mãe e São José foram colocados ao lado, enquanto o centro estava dominado pela presença dos Reis a caminho.

Que buscas nos recônditos dos imaginários identitários podem ser feitas? Ou seja, como entender as representações que fazemos de nossas memórias e tradições?

Dóli de Castro Ferreira

Notas da Cidade

☑ *Comitê das Águas*

Aconteceu em Cruzeiro, no Teatro Capitólio, no dia 04 de fevereiro, o *V Encontro Regional dos Comitês das Águas*. Coordenado por Lázaro T. Ferreira, o evento contou com a presença de representantes de diversos municípios do Vale do Paraíba e Serra da Mantiqueira, que discutiram temas relativos à organização dos Comitês Municipais e suas futuras ações. Da programação constou uma apresentação da Presidente do Conselho da FCR, Teca Gouvêa, que detalhou o projeto "*Comitê das Águas: Suporte Operacional para Encontros Técnicos e Capacitação para Elaboração de Projetos*", elaborado pela FCR, a ser iniciado em março.

Teca Gouvêa em Cruzeiro

☑ *ACIAP promove palestra*

A Associação Comercial, Industrial e Agropecuária de Piquete (ACIAP) promoveu, às 19h30min do dia 16 de fevereiro, no Espaço Cultural "Célia Ap. Rosa", da Fundação Christiano Rosa, uma palestra com o associado José Augusto Costa, do Bazar Tend Tudo.

O evento contou com a presença de inúmeros convidados, que puderam assistir a um vídeo sobre motivação organizado pelo palestrante.

☑ *2006 - Carnaval da Alegria em Piquete*

Aconteceu em 11 de fevereiro, na Praça Duque de Caxias, a escolha da Rainha do Carnaval Piquetense 2006. Foram eleitas: Evelyn Monalisa, como rainha, e Tamires Vieira e Tamires Silva, como primeira e segunda princesas. O rei Momo será o conhecido "Xocô".

No dia 18, também na "Pracinha", já ornamentada e com arquibancadas montadas, aconteceu o "Grito de Carnaval".

Entre os dias 25 e 28, haverá desfiles de Blocos e Escolas de Samba e concurso do tradicional "boi-de-carnaval". Haverá, também, matinê, diariamente, a partir das 14h, e carnaval de rua no dia 25, depois das 19h.

☑ *FCR promove Curso de Shiitake*

A FCR promoveu entre os dias 26 e 29 de janeiro um curso de produção de cogumelos Shiitake. Realizado em parceria com a Votorantim Celulose e Papel (VCP), participarm do curso mais de 30 alunos.

☑ *Projeto FCR*

Continua em andamento o Projeto "*Revegetação de áreas ribeirinhas das microbacias hidrográficas dos ribeirões Benfica e Tabuleta - Piquete/SP*". Nova coleta de amostras de água dos ribeirões Benfica e Tabuleta foi feita, para acompanhamento da qualidade das águas, e a manutenção das mudas plantadas continua.

Foto arquivo Pro-Memória

Tombada por Decreto Municipal em junho de 2002, a Estação Ferroviária Rodrigues Alves, há décadas abandonada, está em processo de compra pela Administração Municipal, que pretende restaurá-la.

Patrimônios Históricos poderão ser restaurados

Este ano iremos comemorar, no dia 15 de setembro, os cem anos da inauguração do Ramal Férreo Lorena –Benfica, da Estação Ferroviária Rodrigues Alves e da Usina Hidrelétrica Rodrigues Alves. Essas obras, construídas pelo Exército, revestem-se de grande simbologia. São referências históricas na paisagem urbana de Piquete e fazem parte da memória coletiva dos piquetenses. O ramal férreo, sinônimo de velocidade, trouxe sobre seus trilhos a fábrica de pólvoras para o município; a usina hidrelétrica, sinônimo de energia e força, proporcionou trabalho a milhares de piquetenses.

Após sete décadas de serviços prestados ao município, o ramal férreo foi desativado, seus trilhos retirados e a estação ferroviária abandonada. Percebendo que poderia perder esse marco arquitetônico de valor histórico, a comunidade saiu em sua defesa. Após mais de vinte anos de lutas, constituiu-se o COMDEPHAAPPI, que, após estudos, instruiu um elaborado processo que resultou no tombamento da Estação Ferroviária Rodrigues Alves pelo decreto municipal de junho de 2002.

Nesse início de ano, duas auspiciosas notícias foram veiculadas na cidade: a IMBEL, guardiã da usina hidrelétrica, constituiu um grupo de estudos para levantar sua história, restaurá-la e propor nova função para essa edificação, que se encontra desativada; a Administração Municipal está comprando a estação ferroviaria, com vistas à sua restauração. Ambas as iniciativas são dignas de aplausos, uma vez que a restauração e revitalização dessas edificações e de seu entorno, resguardando a fisionomia original, imprimindo funções de uso compatível com suas características, seu valor histórico, social e cultural sempre foram o desejo dos piquetenses.

Primeiro prédio da "Fábrica de Pólvoras sem Fumaça" a ser inaugurado, a Usina Hidrelétrica Rodrigues Alves vem sendo objeto de um grupo de estudos que, após restaurá-la, irá reativá-la com novas funções.

Foto arquivo Pro-Memória

Cidadania Ativa

Laura Cristina Chaves

Vivemos, atualmente, num país em democratização e sonhamos com o dia em que ele será mais justo, mais digno, mais humano e mais igualitário – mais democrático. Para tanto, o nosso envolvimento e participação ativa são ponto de partida. É preciso pensar e agir como cidadão.

Cidadania no Brasil hoje: o que é isso? É a duras penas que estamos aprendendo a ser mais cidadãos. Num processo de contínuas mudanças sociais aprendemos que a luta pelos direitos e pela igualdade social não depende, exclusivamente, de nossos governantes, mas também de todos nós. Portanto, ser cidadão nos dias atuais é participar ao máximo da vida em comunidade, refletindo, criticando e envolvendo-se com a tomada de decisões que garantam a todos o acesso aos direitos fundamentais: educação, saúde, segurança, e a todos os bens materiais e culturais disponíveis na sociedade, entre outros.

Nesse sentido, uma das tarefas da comunidade cidadã é controlar a aplicação dos recursos públicos. Num estado democrático, a utilização dos recursos públicos deve ser acompanhada e fiscalizada pelos cidadãos.

Em contrapartida, a administração pública deve ser transparente, ética. Precisa criar mecanismos que garantam à comunidade o acesso às informações. À comunidade devem ser informados os valores dos recursos públicos repassados à esfera de atuação do governo e a prestação de contas do uso desses recursos. Assim deve ser a administração pública dos novos tempos.

Se acreditamos que todos somos igualmente cidadãos, devemos acreditar também que os destinos da comunidade e a construção de um país democrático dependem de todos nós – governo e sociedade.

No âmbito do município de Piquete poderíamos pensar no exercício cidadão em favor da educação. Dados do Ministério da Educação registram que nos meses de janeiro e fevereiro foram repassados a esse município um total de R$ 55.980,94, do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. Qual o plano de educação do município? As despesas estão ajustadas às receitas? Quais são as prioridades? Quem as decidiu? Quando serão apresentadas à comunidade? Vamos lá, cidadão: é hora de ação!